

CAPÍTULO 1

SAÚDE MENTAL NA CONTEMPORANEIDADE: IMPACTOS SOCIAIS E DESAFIOS CLÍNICOS

Leandro Antônio Simões

RESUMO

A saúde mental tem se consolidado como uma das principais preocupações em saúde pública na contemporaneidade, em razão do aumento dos casos de ansiedade, depressão, estresse e outros transtornos relacionados às transformações sociais, econômicas e tecnológicas observadas nas últimas décadas. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar os impactos sociais que influenciam a saúde mental na atualidade e discutir os principais desafios clínicos enfrentados pelos serviços de atenção psicossocial. Trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa e caráter descritivo, realizada a partir de publicações científicas disponíveis nas bases de dados SciELO, LILACS, PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PePSIC e Portal de Periódicos CAPES. Foram selecionados estudos publicados entre 2016 e 2026, utilizando os descritores “saúde mental”, “transtornos mentais”, “atenção psicossocial”, “impactos sociais”, “saúde coletiva”, “sofrimento psíquico” e “desafios clínicos”, combinados por operadores booleanos. Os resultados evidenciaram que fatores como precarização do trabalho, uso intensivo das tecnologias digitais, desigualdades sociais, mudanças nos estilos de vida e os efeitos da pandemia da COVID-19 têm contribuído significativamente para o aumento do sofrimento psíquico. Os serviços de saúde mental enfrentam desafios relacionados à ampliação do acesso, qualificação profissional e fortalecimento das redes de cuidado. Conclui-se que a promoção da saúde mental requer ações intersetoriais, fortalecimento das políticas públicas e desenvolvimento de estratégias que considerem os determinantes sociais envolvidos no processo de adoecimento e cuidado.

Palavras-chave: saúde mental; atenção psicossocial; impactos sociais; transtornos mentais.

INTRODUÇÃO

A saúde mental tem ocupado posição central nos debates científicos, sociais e políticos da contemporaneidade devido ao crescimento expressivo dos transtornos psíquicos e ao aumento dos fatores de vulnerabilidade presentes na vida cotidiana. As transformações econômicas, tecnológicas, culturais e laborais ocorridas nas últimas décadas modificaram profundamente as formas de convivência social, as relações de trabalho e os modos de vida da população, produzindo impactos significativos sobre o bem-estar psicológico dos indivíduos.

A intensificação das exigências profissionais, a instabilidade econômica, a ampliação das desigualdades sociais, o enfraquecimento das redes de apoio e a constante exposição a estímulos digitais têm contribuído para o aumento dos quadros de ansiedade, depressão, estresse crônico e outros agravos relacionados ao sofrimento psíquico. Nesse contexto, a saúde mental deixou de ser compreendida apenas sob uma perspectiva clínica e passou a ser reconhecida como um fenômeno complexo, influenciado por determinantes sociais, econômicos, culturais e políticos que afetam diretamente a qualidade de vida das populações (AMARANTE, 2017; TENÓRIO, 2016; PATEL et al., 2018; VIGO).

No cenário contemporâneo, os impactos das mudanças sociais sobre a saúde mental tornaram-se ainda mais evidentes diante de fenômenos como a expansão das tecnologias digitais, a precarização das relações de trabalho e as consequências da pandemia da COVID-19. A intensificação do uso das redes sociais, a hiperconectividade e a constante exposição a padrões de comportamento e desempenho têm influenciado significativamente os processos de construção da subjetividade, especialmente entre jovens e adultos. Paralelamente, a crescente pressão por produtividade e desempenho profissional tem contribuído para o aumento do adoecimento psíquico em diferentes categorias ocupacionais, afetando trabalhadores da educação, da saúde, da assistência social e de diversos outros setores (MALTA et al., 2020; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022).

Embora os avanços promovidos pela Reforma Psiquiátrica Brasileira tenham possibilitado importantes mudanças na organização dos serviços de atenção psicossocial e na defesa dos direitos das pessoas em sofrimento psíquico, ainda persistem desafios significativos relacionados ao acesso aos cuidados, à qualidade da assistência oferecida e à capacidade dos sistemas de saúde em responder às demandas crescentes da população. Assim, este estudo busca responder à seguinte questão norteadora: quais são os principais impactos sociais da contemporaneidade sobre a saúde mental e quais desafios clínicos emergem diante das novas demandas de cuidado e atenção psicossocial?

Com base nessa problemática, o presente estudo tem como objetivo geral analisar os impactos sociais da contemporaneidade sobre a saúde mental e os desafios clínicos associados ao cuidado das pessoas em sofrimento psíquico. Para atingir esse propósito, foram estabelecidos três

objetivos específicos: identificar os principais fatores sociais contemporâneos relacionados ao adoecimento mental; compreender os impactos das transformações sociais, tecnológicas e laborais sobre a saúde psicológica da população; e discutir os desafios enfrentados pelos serviços e profissionais de saúde na promoção do cuidado integral em saúde mental.

A realização desta pesquisa justifica-se pela crescente relevância da saúde mental como questão prioritária de saúde pública e pelo aumento significativo dos transtornos mentais observados nas últimas décadas. A complexidade dos problemas enfrentados na contemporaneidade exige reflexões que articulem aspectos clínicos, sociais, econômicos e culturais, permitindo compreender de forma integrada os fatores que influenciam o sofrimento psíquico. Considerando o impacto que o adoecimento psíquico exerce sobre a qualidade de vida, a produtividade, as relações sociais e o funcionamento das instituições, torna-se fundamental ampliar o conhecimento científico acerca dos desafios contemporâneos relacionados à saúde mental (ANDRADE et al., 2023; DE CARVALHO et al., 2025; POSSA; KRAUSE, 2023).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão da saúde mental na contemporaneidade exige uma análise que ultrapasse a visão exclusivamente biomédica dos transtornos psíquicos. Atualmente, entende-se que o sofrimento mental resulta da interação entre fatores biológicos, psicológicos, sociais, culturais e econômicos, que influenciam diretamente a forma como os indivíduos vivenciam suas experiências e enfrentam os desafios do cotidiano. Essa perspectiva foi fortalecida pelos avanços promovidos pela Reforma Psiquiátrica Brasileira, que passou a defender modelos de cuidado centrados na inclusão social, no respeito aos direitos humanos e na valorização da autonomia dos sujeitos em sofrimento psíquico (AMARANTE, 2017; TENÓRIO, 2016).

A Reforma Psiquiátrica representou uma importante mudança na organização da assistência em saúde mental no Brasil ao propor a substituição gradual do modelo hospitalocêntrico por uma rede de atenção psicossocial territorializada. Esse processo possibilitou a criação de serviços voltados para o cuidado comunitário, fortalecendo práticas que priorizam o acolhimento, a convivência social e a reinserção dos usuários em seus contextos familiares e comunitários. Entretanto, apesar dos avanços alcançados nas últimas décadas, ainda persistem desafios relacionados à consolidação dessas políticas, especialmente diante das dificuldades de financiamento, da insuficiência de serviços especializados em determinadas regiões e das constantes disputas em torno dos modelos de atenção em saúde mental (DELGADO, 2019; ONOCKO-CAMPOS, 2019; GULJOR, 2020).

As transformações sociais observadas no século XXI também têm contribuído para o aumento dos problemas relacionados à saúde mental. O

avanço das tecnologias digitais, as mudanças nas formas de trabalho, a intensificação do consumo de informações e a aceleração do ritmo de vida passaram a influenciar significativamente os processos de subjetivação e a maneira como os indivíduos lidam com suas emoções. Em muitos casos, a busca constante por desempenho, reconhecimento e produtividade tem favorecido o surgimento de sentimentos de inadequação, insegurança e esgotamento emocional. Esse cenário evidencia que o sofrimento psíquico contemporâneo não pode ser analisado de forma isolada, mas deve ser compreendido como resultado das condições sociais e culturais que moldam a experiência humana na atualidade (LASTA et al., 2023; DIAS; NETO, 2025).

Entre os fatores que mais têm despertado atenção dos pesquisadores estão os impactos das redes sociais e das tecnologias digitais sobre a saúde mental. Embora essas ferramentas ampliem as possibilidades de comunicação e acesso à informação, seu uso excessivo tem sido associado ao aumento dos níveis de ansiedade, comparação social, baixa autoestima e sintomas depressivos, especialmente entre adolescentes e jovens adultos. A exposição contínua a padrões idealizados de vida, beleza e sucesso pode gerar sentimento de frustração e inadequação, comprometendo o equilíbrio emocional dos indivíduos (DIAS; NETO, 2025; LASTA et al., 2023).

Outro aspecto amplamente discutido na literatura refere-se à relação entre trabalho e saúde mental. As mudanças ocorridas no mundo do trabalho, marcadas pela flexibilização dos vínculos empregatícios, intensificação das metas de produtividade e aumento da insegurança profissional, têm impactado diretamente a qualidade de vida dos trabalhadores. Diversos estudos demonstram que ambientes laborais caracterizados por excesso de demandas, pressão constante e falta de reconhecimento podem favorecer o desenvolvimento de ansiedade, depressão, síndrome de burnout e outros transtornos relacionados ao estresse ocupacional (ANDRADE et al., 2023; DE CARVALHO et al., 2025; LIMA et al., 2024).

No campo educacional, o adoecimento psíquico de professores tem sido objeto de crescente preocupação. As exigências relacionadas ao exercício da docência, associadas às transformações sociais, às demandas burocráticas e às dificuldades enfrentadas no ambiente escolar, contribuem para elevados níveis de desgaste emocional. Além disso, os desafios decorrentes das mudanças tecnológicas e das novas formas de interação social ampliam a complexidade do trabalho docente, exigindo constantes processos de adaptação (POSSA; KRAUSE, 2023; SOARES et al., 2023).

A pandemia da COVID-19 representou um marco importante para as discussões sobre saúde mental em escala global. O isolamento social, as incertezas relacionadas à doença, as perdas humanas e as alterações bruscas na rotina provocaram impactos significativos sobre o bem-estar psicológico da população. Pesquisas realizadas durante esse período identificaram aumento expressivo de sintomas de ansiedade, tristeza, nervosismo, insônia e sofrimento emocional em diferentes grupos sociais. Os

efeitos desse período continuam sendo observados, demonstrando que suas consequências ultrapassam o campo sanitário e alcançam dimensões sociais e psicológicas de longo prazo (MALTA et al., 2020; MALTA et al., 2021; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022).

Em âmbito global, os transtornos mentais figuram entre as principais causas de incapacidade e perda da qualidade de vida, representando um importante desafio para os sistemas de saúde. Estudos internacionais apontam que milhões de pessoas convivem diariamente com condições relacionadas à ansiedade, depressão, dependência química e outros transtornos mentais, muitas vezes sem acesso adequado aos serviços de cuidado. Esse cenário reforça a necessidade de estratégias integradas que articulem ações de prevenção, promoção da saúde, tratamento e reinserção social (REHM; SHIELD, 2019; PATEL et al., 2018).

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de revisão bibliográfica, de natureza básica, abordagem qualitativa e finalidade descritiva e exploratória. A escolha desse método fundamenta-se na possibilidade de reunir, analisar e interpretar conhecimentos científicos já produzidos sobre a temática da saúde mental na contemporaneidade, permitindo compreender os impactos sociais associados ao sofrimento psíquico e os principais desafios clínicos enfrentados pelos serviços e profissionais de saúde. A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar uma análise aprofundada dos fenômenos estudados, valorizando a interpretação crítica das informações presentes na literatura e favorecendo a compreensão das múltiplas dimensões que envolvem a saúde mental no contexto atual.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico realizado em bases de dados nacionais e internacionais amplamente reconhecidas na área da saúde e das ciências humanas. Foram consultadas as plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de Periódicos CAPES, PePSIC e Google Scholar. A seleção dessas bases ocorreu em razão de sua relevância científica e da ampla disponibilidade de estudos relacionados à saúde mental, políticas públicas, atenção psicossocial e determinantes sociais da saúde.

Para a localização dos estudos foram utilizados descritores indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e no Medical Subject Headings (MeSH), combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR. Os principais descritores empregados foram: “Saúde Mental”, “Mental Health”, “Sofrimento Psíquico”, “Transtornos Mentais”, “Atenção Psicossocial”, “Impactos Sociais”, “Saúde Coletiva”, “Qualidade de Vida”, “Saúde Mental na Contemporaneidade” e “Desafios Clínicos”. As combinações desses termos permitiram ampliar o alcance das buscas e identificar publicações diretamente relacionadas aos objetivos da pesquisa.

Como critérios de inclusão foram considerados artigos científicos, revisões de literatura, estudos teóricos, pesquisas empíricas e documentos institucionais publicados em português e inglês entre os anos de 2016 e 2026, disponíveis na íntegra em meio eletrônico e que abordassem aspectos relacionados à saúde mental, seus determinantes sociais e os desafios contemporâneos do cuidado clínico e psicossocial. Foram incluídos ainda livros de referência considerados relevantes para a compreensão histórica e conceitual da temática. Como critérios de exclusão, foram descartados trabalhos duplicados, publicações sem acesso ao texto completo, resumos de eventos, materiais sem relação direta com o tema investigado e estudos que abordassem exclusivamente aspectos biomédicos sem conexão com os objetivos propostos.

Após a identificação dos materiais, realizou-se a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave para verificação da pertinência temática. Em seguida, os estudos selecionados foram submetidos à leitura integral, possibilitando a extração das informações consideradas relevantes para a análise. Os dados obtidos foram organizados em categorias temáticas relacionadas aos impactos sociais sobre a saúde mental, às transformações contemporâneas que influenciam o sofrimento psíquico e aos desafios clínicos enfrentados pelos serviços de atenção à saúde mental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das produções selecionadas permitiu identificar que a saúde mental tem sido profundamente impactada pelas transformações sociais, econômicas, tecnológicas e culturais que caracterizam a contemporaneidade. Os estudos analisados demonstram que o sofrimento psíquico não pode ser compreendido apenas como resultado de fatores individuais ou biológicos, mas como um fenômeno diretamente relacionado às condições de vida, às relações de trabalho, às desigualdades sociais, às mudanças nos modos de interação humana e às formas de organização da sociedade atual.

Nesse sentido, os resultados foram organizados em três eixos temáticos: os impactos sociais contemporâneos sobre a saúde mental, os desafios clínicos e assistenciais diante do aumento das demandas em saúde mental e as perspectivas para o fortalecimento das políticas e práticas de atenção psicossocial.

Impactos sociais contemporâneos sobre a saúde mental

A literatura analisada evidencia que a sociedade contemporânea tem produzido novas formas de sofrimento psíquico associadas às profundas transformações sociais ocorridas nas últimas décadas. O avanço da globalização, a aceleração dos fluxos de informação, a competitividade crescente e as exigências por desempenho constante passaram a influenciar diretamente a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e se relacionam com o mundo. Os estudos demonstram que tais mudanças têm

contribuído para o aumento dos níveis de ansiedade, insegurança e esgotamento emocional, especialmente em contextos marcados pela instabilidade econômica e pela fragilidade das redes de apoio social. Nesse cenário, a saúde mental passa a refletir não apenas questões individuais, mas também as tensões produzidas pelas dinâmicas sociais contemporâneas (PATEL et al., 2018; VIGO; THORNICROFT; ATUN, 2016).

Outro aspecto amplamente discutido refere-se às consequências da precarização das relações de trabalho. Andrade et al. (2023) destacam que o aumento da instabilidade profissional, das exigências de produtividade e da insegurança ocupacional tem provocado impactos significativos sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores. A literatura mostra que ambientes laborais marcados por sobrecarga, pressão constante e ausência de reconhecimento favorecem o desenvolvimento de sintomas relacionados ao estresse crônico, ansiedade e esgotamento emocional. Esses fatores não afetam apenas a qualidade de vida dos profissionais, mas também interferem na capacidade de realização pessoal e no equilíbrio das relações familiares e sociais.

A discussão sobre trabalho e sofrimento psíquico também é aprofundada por Lima et al. (2024), ao demonstrarem que a precarização não atinge apenas trabalhadores do setor privado, mas também profissionais inseridos nos próprios serviços de atenção psicossocial. Os autores observam que contratos temporários, condições inadequadas de trabalho e insuficiência de recursos estruturais podem comprometer tanto a saúde mental dos profissionais quanto a qualidade da assistência prestada aos usuários. Esse fenômeno evidencia uma contradição importante: os trabalhadores responsáveis pelo cuidado em saúde mental também estão expostos a condições que favorecem o adoecimento psicológico.

Os estudos de De Carvalho et al. (2025) reforçam que as exigências impostas pelo mercado de trabalho contemporâneo têm contribuído para o aumento dos níveis de ansiedade entre trabalhadores de diferentes áreas. A necessidade constante de adaptação, atualização profissional e alcance de metas cada vez mais elevadas produz sentimentos de insuficiência e insegurança que afetam diretamente a saúde emocional. Os autores apontam que a busca incessante por desempenho pode resultar em desgaste mental progressivo, comprometendo a satisfação profissional e a qualidade de vida.

As transformações tecnológicas também aparecem como elemento relevante na compreensão dos impactos sociais sobre a saúde mental. Segundo Dias e Neto (2025), as redes sociais digitais passaram a ocupar papel central na construção das relações interpessoais, especialmente entre os jovens. Embora ofereçam oportunidades de comunicação e acesso à informação, essas plataformas também favorecem processos de comparação social, exposição excessiva da vida privada e busca constante por validação social. Tais fatores têm sido associados ao aumento de sintomas de ansiedade, baixa autoestima e sofrimento emocional.

Lasta et al. (2023) complementam essa discussão ao destacar que as tecnologias digitais influenciam diretamente os processos de construção da subjetividade. Os autores argumentam que a hiperconectividade modifica a maneira como os indivíduos percebem a si mesmos e estabelecem vínculos sociais, criando novas formas de interação e também novas fontes de sofrimento psíquico. A constante disponibilidade de informações e a dificuldade de desconexão contribuem para o aumento da sobrecarga cognitiva e emocional observada na sociedade contemporânea.

Os impactos dessas transformações são particularmente visíveis no contexto educacional. Possa e Krause (2023) identificam que professores enfrentam níveis crescentes de desgaste emocional decorrentes das múltiplas responsabilidades atribuídas à profissão. Além das demandas pedagógicas tradicionais, esses profissionais precisam lidar com desafios relacionados à inclusão, às tecnologias digitais, às mudanças curriculares e às expectativas sociais sobre seu desempenho. Como resultado, aumentam os relatos de ansiedade, exaustão e adoecimento psicológico.

De forma semelhante, Soares et al. (2023) observam que o trabalho docente passou a incorporar exigências cada vez mais complexas, ampliando as situações de vulnerabilidade emocional. Os autores destacam que o adoecimento psíquico entre professores não pode ser compreendido apenas como uma questão individual, mas deve ser analisado à luz das condições institucionais, sociais e econômicas que moldam o exercício da profissão. Essa perspectiva amplia a compreensão da saúde mental como fenômeno socialmente determinado.

Os estudos convergem ao demonstrar que os impactos sociais contemporâneos sobre a saúde mental resultam da combinação de múltiplos fatores que atuam de forma simultânea. Trabalho, tecnologia, relações sociais, insegurança econômica e mudanças culturais interagem continuamente, produzindo contextos favoráveis ao surgimento do sofrimento psíquico. Assim, compreender a saúde mental na contemporaneidade exige uma abordagem abrangente, capaz de reconhecer a influência dos determinantes sociais sobre a experiência subjetiva dos indivíduos e sobre a produção do adoecimento mental.

Desafios clínicos e assistenciais diante do aumento das demandas em saúde mental

O conjunto dos estudos analisados demonstra que o crescimento dos problemas relacionados à saúde mental tem provocado uma ampliação significativa da demanda por serviços especializados, exigindo adaptações constantes dos sistemas de saúde e dos profissionais envolvidos no cuidado. O aumento da incidência de transtornos de ansiedade, depressão, sofrimento emocional persistente e outras condições associadas ao adoecimento psíquico tem gerado novos desafios para a organização da assistência. Os serviços de saúde mental precisam responder não apenas a um volume maior de atendimentos, mas também a situações cada vez mais complexas,

marcadas pela coexistência de fatores sociais, econômicos e familiares que influenciam diretamente o processo de adoecimento (ONOCKO-CAMPOS, 2019; PATEL et al., 2018).

Entre os principais desafios identificados está a necessidade de ampliar o acesso aos serviços especializados sem comprometer a qualidade do cuidado oferecido. Embora a Reforma Psiquiátrica tenha possibilitado avanços importantes na descentralização da assistência e na criação de dispositivos comunitários de atenção psicossocial, ainda existem desigualdades significativas na distribuição desses serviços em diferentes regiões. Muitas localidades enfrentam dificuldades relacionadas à insuficiência de equipes multiprofissionais, à limitação de recursos financeiros e à sobrecarga dos serviços existentes (TENÓRIO, 2016; DELGADO, 2019).

Outro aspecto amplamente discutido refere-se à necessidade de fortalecer práticas clínicas que valorizem a singularidade dos sujeitos e respeitem suas trajetórias de vida. Os estudos analisados apontam que o sofrimento psíquico contemporâneo frequentemente está associado a experiências de exclusão social, vulnerabilidade econômica, violência, discriminação e fragilidade dos vínculos comunitários. Abordagens centradas exclusivamente nos sintomas tendem a apresentar limitações na compreensão das necessidades reais dos usuários. O cuidado em saúde mental demanda escuta qualificada, construção de vínculos terapêuticos e desenvolvimento de estratégias que favoreçam a participação ativa dos indivíduos em seu próprio processo de recuperação (AMARANTE, 2017; GULJOR, 2020).

A literatura também evidencia que os profissionais de saúde mental enfrentam desafios crescentes relacionados à complexidade dos casos atendidos. Muitos usuários apresentam demandas que extrapolam o campo clínico tradicional, envolvendo questões sociais, familiares e econômicas que influenciam diretamente sua condição psicológica. Essa realidade exige atuação interdisciplinar e articulação permanente entre diferentes setores, incluindo saúde, assistência social, educação e justiça. Entretanto, a fragmentação das políticas públicas e as dificuldades de integração entre os serviços ainda constituem obstáculos importantes para a construção de respostas mais efetivas às necessidades da população (DIMENSTEIN et al., 2017; ONOCKO-CAMPOS, 2019).

As consequências da pandemia da COVID-19 também ampliaram significativamente os desafios enfrentados pelos serviços de saúde mental. Os estudos de Barros et al. (2020), Malta et al. (2020) e World Health Organization (2022) demonstram que o período pandêmico esteve associado ao aumento de sintomas de ansiedade, tristeza, medo, solidão e alterações do sono em diferentes grupos populacionais. Muitas pessoas passaram a buscar atendimento psicológico e psiquiátrico em decorrência das perdas familiares, das dificuldades econômicas e das mudanças bruscas na rotina. Esse cenário provocou aumento expressivo da demanda assistencial,

evidenciando a necessidade de expansão e fortalecimento das redes de cuidado.

Outro desafio identificado refere-se ao enfrentamento do estigma que ainda acompanha os transtornos mentais. Apesar dos avanços obtidos nas últimas décadas em relação à conscientização social, muitas pessoas continuam enfrentando preconceito e discriminação em diferentes espaços sociais. Esse processo frequentemente dificulta a busca por ajuda profissional, favorece o isolamento social e contribui para o agravamento dos quadros clínicos. Os estudos analisados indicam que a superação dessas barreiras depende não apenas da ampliação dos serviços de saúde, mas também do fortalecimento de ações educativas capazes de promover uma compreensão mais humanizada da saúde mental e do sofrimento psíquico (AMARANTE, 2017; DELGADO, 2019).

As modificações nas formas de adoecimento têm exigido atualizações constantes das práticas clínicas. O sofrimento mental contemporâneo frequentemente se manifesta por meio de sintomas relacionados ao esgotamento emocional, à hiperatividade mental, às dificuldades de concentração e aos sentimentos persistentes de inadequação social. Tais manifestações nem sempre se enquadram de forma simples nas categorias diagnósticas tradicionais, exigindo dos profissionais uma compreensão ampliada dos processos subjetivos envolvidos. Nesse sentido, a clínica em saúde mental passa a demandar maior sensibilidade para reconhecer as múltiplas expressões do sofrimento humano e suas relações com o contexto social (REHM; SHIELD, 2019; PATEL et al., 2018).

A crescente presença das tecnologias digitais na vida cotidiana também tem produzido novos desafios para a assistência em saúde mental. Ao mesmo tempo em que ferramentas tecnológicas ampliam possibilidades de comunicação e acesso à informação, elas também podem contribuir para fenômenos como dependência digital, exposição excessiva a conteúdos negativos e intensificação de sentimentos de comparação social. Os profissionais de saúde mental passaram a lidar com demandas relacionadas a essas novas formas de sofrimento, que exigem abordagens atualizadas e capazes de compreender os impactos das transformações tecnológicas sobre a subjetividade humana (DIAS; NETO, 2025; LASTA et al., 2023).

Os desafios clínicos e assistenciais da contemporaneidade estão diretamente relacionados à complexidade crescente dos fatores que influenciam a saúde mental. A ampliação do acesso aos serviços, o fortalecimento das redes de atenção psicossocial, a valorização das práticas interdisciplinares, a qualificação dos profissionais e o enfrentamento dos determinantes sociais do sofrimento psíquico configuram elementos fundamentais para a construção de respostas mais efetivas às necessidades da população. Nesse cenário, o cuidado em saúde mental exige uma atuação que vá além do tratamento dos sintomas, incorporando estratégias voltadas para a promoção da cidadania, da inclusão social e da qualidade de vida.

Perspectivas para o fortalecimento das políticas públicas e da atenção psicossocial em saúde mental

Os estudos analisados indicam que o enfrentamento dos problemas relacionados à saúde mental na contemporaneidade depende da consolidação de políticas públicas capazes de responder às transformações sociais que influenciam o sofrimento psíquico. A literatura demonstra que os transtornos mentais e os diversos processos de adoecimento emocional não podem ser compreendidos apenas como questões individuais, pois estão profundamente relacionados às condições de vida, ao acesso a direitos sociais e às oportunidades de participação na sociedade. O fortalecimento das políticas de saúde mental exige uma visão ampliada do cuidado, capaz de integrar ações de promoção da saúde, prevenção de agravos, tratamento e reinserção social (AMARANTE, 2017; TENÓRIO, 2016).

A manutenção e o fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) aparecem como elementos estratégicos para ampliar a efetividade das ações em saúde mental. Os estudos destacam que os serviços territoriais desempenham papel fundamental na construção de vínculos, no acompanhamento contínuo dos usuários e na articulação entre diferentes dispositivos de cuidado. Quando estruturados de forma adequada, os dispositivos da atenção psicossocial contribuem para reduzir internações desnecessárias e favorecem abordagens mais humanizadas e compatíveis com as necessidades reais dos usuários (DIMENSTEIN et al., 2017; GULJOR, 2020).

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de ampliar investimentos em ações preventivas e de promoção da saúde mental. Os resultados encontrados na literatura demonstram que grande parte dos fatores associados ao sofrimento psíquico está relacionada a condições sociais que poderiam ser minimizadas por meio de políticas públicas integradas. Ações voltadas para redução das desigualdades sociais, fortalecimento da educação, ampliação do acesso à cultura, geração de emprego e melhoria das condições de trabalho podem produzir efeitos positivos não apenas sobre a qualidade de vida da população, mas também sobre os indicadores de saúde mental (PATEL et al., 2018; ONOCKO-CAMPOS, 2019).

A valorização dos profissionais que atuam na rede de atenção psicossocial também se apresenta como uma necessidade urgente. Estudos de Andrade et al. (2023) e Lima et al. (2024) evidenciam que a precarização das condições de trabalho afeta diretamente a qualidade da assistência prestada e compromete o bem-estar dos trabalhadores responsáveis pelo cuidado em saúde mental. Jornadas excessivas, vínculos empregatícios instáveis e insuficiência de recursos institucionais dificultam o desenvolvimento de práticas assistenciais mais qualificadas. Nesse sentido, investir na formação continuada, na valorização profissional e em melhores

condições de trabalho constitui medida essencial para fortalecer a rede de cuidados.

A literatura também aponta para a importância de ampliar as estratégias de educação em saúde mental dirigidas à população. O estigma ainda associado aos transtornos mentais continua sendo um dos principais obstáculos para a busca por ajuda profissional e para a inclusão social das pessoas em sofrimento psíquico. Campanhas educativas, programas de conscientização e ações desenvolvidas em escolas, universidades e espaços comunitários podem contribuir para a construção de uma compreensão mais ampla e humanizada da saúde mental.

Outro elemento que ganha destaque nas discussões contemporâneas refere-se ao uso das tecnologias digitais como ferramentas de apoio às ações em saúde mental. Embora a literatura reconheça os riscos associados ao uso excessivo das plataformas digitais, também evidencia seu potencial para ampliar o acesso à informação, facilitar o acompanhamento remoto de usuários e fortalecer estratégias de educação em saúde. Durante e após a pandemia, diversas experiências demonstraram que recursos tecnológicos podem complementar o cuidado presencial e ampliar o alcance das intervenções psicossociais. Entretanto, sua utilização deve ocorrer de forma crítica e planejada, respeitando princípios éticos e garantindo a qualidade da assistência oferecida (LASTA et al., 2023; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022).

Os resultados analisados também reforçam a necessidade de fortalecer abordagens intersetoriais na formulação das políticas públicas. A complexidade dos fatores que influenciam a saúde mental exige articulação permanente entre áreas como saúde, educação, assistência social, trabalho e direitos humanos. Problemas como desemprego, violência, exclusão social e insegurança econômica exercem influência direta sobre o sofrimento psíquico e não podem ser enfrentados apenas por meio de intervenções clínicas. A construção de respostas efetivas requer ações coordenadas que promovam proteção social e ampliem as oportunidades de participação cidadã.

Em âmbito internacional, estudos de Patel et al. (2018), Vigo, Thornicroft e Atun (2016) e Rehm e Shield (2019) destacam que os transtornos mentais representam uma das principais causas de incapacidade em todo o mundo, exigindo respostas globais articuladas. Os autores defendem a ampliação dos investimentos em saúde mental, a incorporação do tema nas agendas de desenvolvimento sustentável e a implementação de políticas públicas que garantam acesso universal aos cuidados. Essas recomendações reforçam a compreensão de que a saúde mental deve ocupar posição prioritária nas estratégias de promoção da saúde e de desenvolvimento social.

De maneira geral, os resultados evidenciam que o fortalecimento das políticas públicas de saúde mental depende da combinação de múltiplas estratégias. A ampliação do acesso aos serviços, a valorização da atenção

psicossocial, o investimento em ações preventivas, a qualificação dos profissionais, o combate ao estigma e a articulação intersetorial constituem elementos fundamentais para responder aos desafios impostos pela contemporaneidade. Mais do que ampliar estruturas assistenciais, torna-se necessário construir formas de cuidado que reconheçam a complexidade da experiência humana e promovam condições mais dignas, inclusivas e saudáveis para toda a população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão bibliográfica permitiu compreender que a saúde mental na contemporaneidade está diretamente relacionada às profundas transformações sociais, econômicas, culturais e tecnológicas que caracterizam o mundo atual. Os estudos analisados evidenciaram que fatores como a precarização das relações de trabalho, o aumento das exigências de produtividade, o uso intensivo das tecnologias digitais, as desigualdades sociais e os impactos decorrentes da pandemia da COVID-19 têm contribuído para o crescimento dos quadros de sofrimento psíquico em diferentes grupos populacionais.

Os resultados demonstraram ainda que os serviços de atenção psicossocial enfrentam importantes desafios diante do aumento da demanda por cuidados em saúde mental. Questões relacionadas à ampliação do acesso aos serviços, à qualificação das equipes multiprofissionais, à valorização dos trabalhadores da saúde e ao fortalecimento das redes de apoio comunitário foram identificadas como fundamentais para a construção de uma assistência mais efetiva e humanizada. O enfrentamento do sofrimento psíquico exige estratégias que ultrapassem a lógica exclusivamente terapêutica, incorporando ações de promoção da saúde, prevenção de agravos e inclusão social dos indivíduos em seus territórios.

A construção de políticas públicas sólidas e integradas constitui elemento essencial para responder aos desafios da saúde mental no cenário contemporâneo. O fortalecimento da atenção psicossocial, o combate ao estigma, a ampliação das ações educativas e a articulação entre diferentes setores da sociedade representam caminhos importantes para a promoção do bem-estar coletivo. Dessa forma, investir em saúde mental significa não apenas ampliar o acesso ao cuidado especializado, mas também criar condições sociais mais justas, acolhedoras e capazes de favorecer o desenvolvimento humano em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/28240>. Acesso em: 22 jan. 2026.

ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra et al. Precarização do trabalho e saúde mental dos (as) assistentes sociais. *Revista Katálysis*, v. 26, n. 2, p. 232-242, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/jrk/a/QdGRxJyzXf8kPyKJJrtZF7L/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2026.

BARROS, M. B. A. et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/nFWPcDjfNcLD84fbPGLRYkg/?lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2026.

DE CARVALHO, Ana Luisa Gordiano et al. Ansiedade qualidade de vida no trabalho na contemporaneidade: desafios e soluções para os profissionais. *Lumen et Virtus*, v. 16, n. 48, p. 5144-5153, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/download/5095/7182>. Acesso em: 13 jan. 2026.

DELGADO, P. G. G. Reforma psiquiátrica: estratégias para resistir ao desmonte. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

DIAS, Rafaela Fernandes Santos; NETO, Alberto Lopo Montalvão. Impactos das redes sociais na saúde mental de jovens: um estudo bibliográfico. *Revista Transmutare*, v. 10, 2025. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rtr/article/download/20013/10669>. Acesso em: 13 jan. 2026.

DIMENSTEIN, M. et al. Atenção psicossocial e desafios contemporâneos da saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

GULJOR, A. P. F. Saúde mental e atenção psicossocial no contexto brasileiro contemporâneo. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

LASTA, Letícia Lorenzoni et al. Saúde Mental, subjetividades e tecnologias digitais: o coletivo em jogo na contemporaneidade. *Psi Unisc*, v. 7, n. 1, p. 04-06, 2023. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/psi/article/view/18061/10772>. Acesso em: 13 jan. 2026.

LIMA, Israel Coutinho Sampaio et al. A precarização do trabalho na atenção psicossocial territorial: um contexto concreto na contemporaneidade. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, v. 12, n. 3, p. 4263-4276, 2024. Disponível em: <https://www.interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/download/1773/1143>. Acesso em: 13 jan. 2026.

MALTA, D. C. et al. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/VkvxmKYhw9djmnrNBzHsvxrx/?lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2026.

MALTA, D. C. et al. Uso de serviços de saúde e saúde mental durante a pandemia no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

ONOCKO-CAMPOS, R. T. Saúde mental no Brasil: avanços e desafios. *Cadernos de Saúde Pública*, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

PATEL, V. et al. The Lancet Commission on global mental health and sustainable development. *The Lancet*, v. 392, n. 10157, p. 1553-1598, 2018. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(18\)31612-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(18)31612-X/fulltext). Acesso em: 22 jan. 2026.

POSSA, Joce Daiane Borilli; KRAUSE, Marcia. Saúde mental dos professores na contemporaneidade: impactos educacionais. *Revista Saberes e Sabores Educacionais*, v. 10, p. 153-168, 2023. Disponível em: <http://revistas.uceff.edu.br/saberes-e-sabores/article/download/446/434>. Acesso em: 13 jan. 2026.

REHM, J.; SHIELD, K. D. Global burden of disease and the impact of mental and addictive disorders. *Current Psychiatry Reports*, v. 21, 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11920-019-0997-0>. Acesso em: 22 jan. 2026.

SAWADA, N. O. et al. Cronicidade no século XXI: enfrentando os desafios de uma sociedade em transformação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/sqXk6NMCdCprLZCf7NLdy6D/?lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2026.

SOARES, Nandra Martins et al. Reflexões sobre o adoecimento psíquico na contemporaneidade: um diálogo com o trabalho docente. *Editora Licuri*, p. 1-9, 2023. Disponível em: <https://editoralicuri.com.br/index.php/ojs/article/download/334/247>. Acesso em: 13 jan. 2026.

TENÓRIO, F. *A Reforma Psiquiátrica Brasileira: da década de 1980 aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br>. Acesso em: 22 jan. 2026.

VIGO, D.; THORNICROFT, G.; ATUN, R. Estimating the true global burden of mental illness. *The Lancet Psychiatry*, v. 3, n. 2, p. 171-178, 2016. Disponível

em: [https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366\(15\)00505-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366(15)00505-2/fulltext). Acesso em: 22 jan. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Mental health and COVID-19: early evidence of the pandemic's impact*. Geneva: WHO, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acesso em: 22 jan. 2026.

Leandro Antônio Simões, psicólogo clínico com atuação clínica a 15 anos, com pós-graduação em Psicologia Clínica, Neuropsicologia e Psicologia Comportamental e Cognitiva, e doutorando em Psicologia Clínica.